

O BICHO VERDE ENSINOU O PAI A COZINHAR

RITA JOANA

Ilustrações de ZITA PINTO



kinder





TÍTULO
O bicho verde ensinou o pai a cozinhar

TTEXTO
Rita Joana

ILUSTRAÇÕES
Zita Pinto

REVISÃO CIENTÍFICA
Equipa do projeto KINDER, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

REVISÃO LINGUÍSTICA
Sofia Silva

ISBN
978-989-8847-54-6

DEPÓSITO LEGAL
515634/23

IMPRESSÃO
Empresa do Diário de Minho, Lda.

1ª edição
Maio de 2023

TIRAGEM
100 exemplares

©Reservados todos os direitos

Centro de Estudos Sociais da
Universidade de Coimbra
ces.uc.pt

ESTE LIVRO FOI DESENVOLVIDO COM O APOIO FINANCEIRO DO PROGRAMA DIREITOS, IGUALDADE E CIDADANIA DA UNIÃO EUROPEIA (2014-2020) NO ÂMBITO DO PROJETO “KINDER - TACKLING GENDER STEREOTYPES IN EDUCATION AND EARLY CHILDHOOD: BUILDING A GENDER-RESPONSIVE PEDAGOGY IN CHILDREN’S EDUCATION” (GA 101005800).

OS CONTEÚDOS DESTES LIVROS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DAS AUTORAS E DA EQUIPA DO PROJETO KINDER. A COMISSÃO EUROPEIA NÃO ACEITA QUALQUER RESPONSABILIDADE PELO USO QUE POSSA SER FEITO DA INFORMAÇÃO QUE CONTÉM.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS COLÉGIO DE S. JERÓNIMO LARGO D. DINIS APARTADO 3087 3000-995 COIMBRA, PORTUGAL

O BICHO VERDE ENSINOU O PAI A COZINHAR



TEXTO: Rita Joana

ILUSTRAÇÕES: Zita Pinto

kinder

PREFÁCIO

Durante a pandemia de COVID-19, o conceito e práticas de cuidado adquiriram novos sentidos e urgências. Não apenas o cuidado prestado por profissionais de saúde, mas também aquele que é feito todos os dias por famílias, pais, mães, educadoras/es e cuidadoras/es informais.

A vivência intensa desta pandemia trouxe-nos desafios individuais e coletivos acrescidos, e foram muitas as incertezas, preocupações e medos vividos também pelas crianças. Medidas como o isolamento social tiveram impactos na relação com a escola e profissionais de educação, grupos de amigos/as, mas também no contexto familiar. A ausência de relações de proximidade, de abraços e de liberdade encabeçaram a lista das consequências desse período. Encabeça também esta lista aquela a que se chamou de “pandemia sombra”, com a exacerbação da violência intrafamiliar e o acentuar das desigualdades de gênero, com uma sobrecarga das mulheres que, além de manterem o seu trabalho formal e remunerado, assumiram grande parte do cuidado familiar e doméstico.

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto KINDER¹— centrada na persistência de estereótipos de gênero desde a mais tenra idade nos sistemas educativos e familiares — atravessou o período pandêmico e permitiu-nos aprofundar o conhecimento sobre os desafios que profissionais da educação enfrentam para responder às necessidades específicas de raparigas e rapazes, e promover processos transformativos de ensino e aprendizagem nas escolas a partir de uma perspectiva inclusiva e equitativa.

O projeto KINDER tornou-se, assim, numa oportunidade única para analisar a reprodução e transmissão de estereótipos de género desde os jardins-de-infância ao segundo ciclo do ensino básico, em Portugal, e contribuir para a construção e implementação de uma pedagogia transformadora de normas rígidas de género dentro e, principalmente, fora da academia, nos lugares onde aprendemos a tecer outras práticas de cuidado mais equitativas, seja em contextos educativos, ou em contextos familiares.

Por que não oferecermos, então, uma história que represente e celebre as relações de corresponsabilidade e de cuidado, as que existem e as que podem existir, nas quais homens cuidam e realizam atividades essenciais para a nossa sobrevivência, e que enfatizem o cuidado?

A história “O bicho verde ensinou o papá a cozinhar”, escrita por Rita Joana no contexto pandémico para crianças, percorre alguns destes desafios, e propõe, a partir de um momento situado no tempo, de uma nova doença que deixou o mundo “de pernas para o ar”, educar as crianças e quem delas cuida, sem estereótipos de género, mostrando como pode ser fácil figuras parentais e cuidadoras serem corresponsáveis e equitativas na educação e no cuidado das crianças e do espaço que habitam. Esta história alerta para as necessidades de empatia, cuidado e atenção permanentes que, por vezes, parecem invisíveis mas sem as quais não podemos viver.

No panorama nacional existem diversos livros e materiais educativos para a infância, desenvolvidos no âmbito da educação inclusiva e igualdade de género. Fazem parte, aliás, das recomendações do projeto KINDER, na sua ludoteca. Não é nosso objetivo sobrepor-nos aos seus contributos valiosos. Esta pequena história é parte das nossas vivências, como mães, cuidadoras, professoras e investigadoras, e este livro infantil é o nosso contributo para a construção de um mundo pós-pandémico que seja feito de progressos e não de retrocessos, e mais consciente da necessidade de práticas de igualdade e de cuidado.

Tatiana Moura
Sofia Gonçalves
Patrícia Ferreira

¹ kinder.ces.uc.pt

Nota da Autora

O meu nome é Rita Joana. Sou uma das 800.000 Cuidadoras Informais não reconhecidas em Portugal. Falo no feminino porque, apesar de existirem cuidadores no masculino, as mulheres perfazem 80% deste número.

Temos uma história de atribuição obrigatória de cuidados à mulher. Somos valorizadas sempre pelo sacrifício, pela abnegação, pelo sofrimento, por abirmos mão de nós em prol do outro e/ou da família.

Não nos é dado o direito de existirmos enquanto indivíduos.

Esse direito é-nos negado por um Estado que é omissivo nas suas obrigações sociais, que insiste em apostar na institucionalização (mesmo quando sabemos que esta tem uma qualidade deficiente, um paradigma ultrapassado e desumano e requer um poder pecuniário que a maioria da população não possui) e por uma sociedade deseducada para a equidade familiar e doméstica.

Quando a pandemia obrigou as famílias ao confinamento, esta realidade explodiu. As mulheres que tinham responsabilidades profissionais regressaram nas suas carreiras, viram a sua saúde física e mental piorar consideravelmente e muitas revolucionaram as suas relações.

A verdade é que a acumulação absurda e insuportável de tarefas torna inconcebível que se continue a permitir esta exploração. A mulher não é uma máquina que possa assumir papéis infundáveis para o bom funcionamento social.

Muitos homens que já se haviam consciencializado desta questão ganharam novo ímpeto, durante a pandemia, e passaram palavra.

Vivemos uma revolução ainda em semente e que só poderá crescer através da educação.

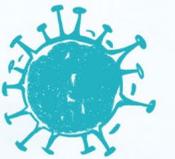
Os papéis do cuidado não têm género e as crianças têm de beber isso mais cedo do que nós.

Ao escrever este texto, não me dei conta da quantidade de estereótipos inconscientes que trago. Foi trabalhando com a equipa multidisciplinar do projeto KINDER, do Centro de Estudos Sociais, que fui atingida pelo choque e pela humildade do tanto que estou influenciada e que quero modificar.

Espero que, com uma palavra de cada vez, sejamos capazes de proteger cada criança, cada mulher das dores de não poderem ser... apenas um ser humano.

Rita Joana

O BICHO VERDE
ENSINOU O PAI
A COZINHAR



Já ouviram falar de um bicho verde que ensina os pais das crianças a cozinhar?

Talvez a história não seja bem assim... mas vou contar-vos como esse bicho apareceu e como, de um dia para o outro, virou a nossa vida de pernas para o ar.

O meu pai, Zé, que nem um ovo sabia estrelar, é agora o meu cozinheiro favorito!

O bicho verde ensinou a nossa família a cuidar da nossa casa em conjunto, e agora passamos mais tempo a brincar e a contar histórias!



Depois de chegar da escola, o pai e a mãe pediram-me para me sentar no sofá da sala com eles.

Estavam com cara de caso, vocês sabem como é... Aquela cara séria de quem vai falar de assuntos de gente crescida, ou ter uma daquelas conversas que acabam sempre com: “Quando fores grande, vais perceber.”

Como se nós, crianças, não percebêssemos logo que nem as pessoas adultas sabem bem do que falam, na maioria das vezes... Ali estavam, a mãe e o pai, com um vinco entre os olhos, o que me deixou um pouco preocupada. Estava escrito a marcador, nas suas testas, que por muito crescidos que fossem, não sabiam bem como começar a conversa.



Há já alguns dias que as coisas estavam diferentes. A mãe, o pai, a avó e o avô andavam numa azáfama, de um lado para o outro. A mamã andava ainda mais apressada do que era costume. Fazia listas de compras muito compridas com o que faltava em casa. Era sempre ela que ia ao supermercado porque o papá se queixava que não conseguia encontrar nada, no meio de tantas prateleiras. Das poucas vezes que fui com ela às compras, até suspeitei que os pais tivessem alguma alergia às compras porque via lá muito poucos homens. Não achei bem. Afinal, os pais e as mães são capazes de fazer as mesmíssimas coisas!

Mas, desta vez, achei que a mãe estava a exagerar! Nunca tinha visto tantas latas de sardinha e atum; garrafões de água, sacos e sacos de arroz e batatas na despensa! E por que razão haveríamos de precisar de tantos rolos de papel higiénico? Isto não podia ser bom!

Tenho uma prima que é bebé e faz muito cocó, mas mesmo assim, nunca vi tantas toalhas e papel higiénico em casa do meu tio. A situação só podia ser grave. Isso eu sabia!

Foi o pai quem começou a conversa:

— Sabes Laurinha, está a acontecer uma coisa no mundo sobre a qual temos de conversar...

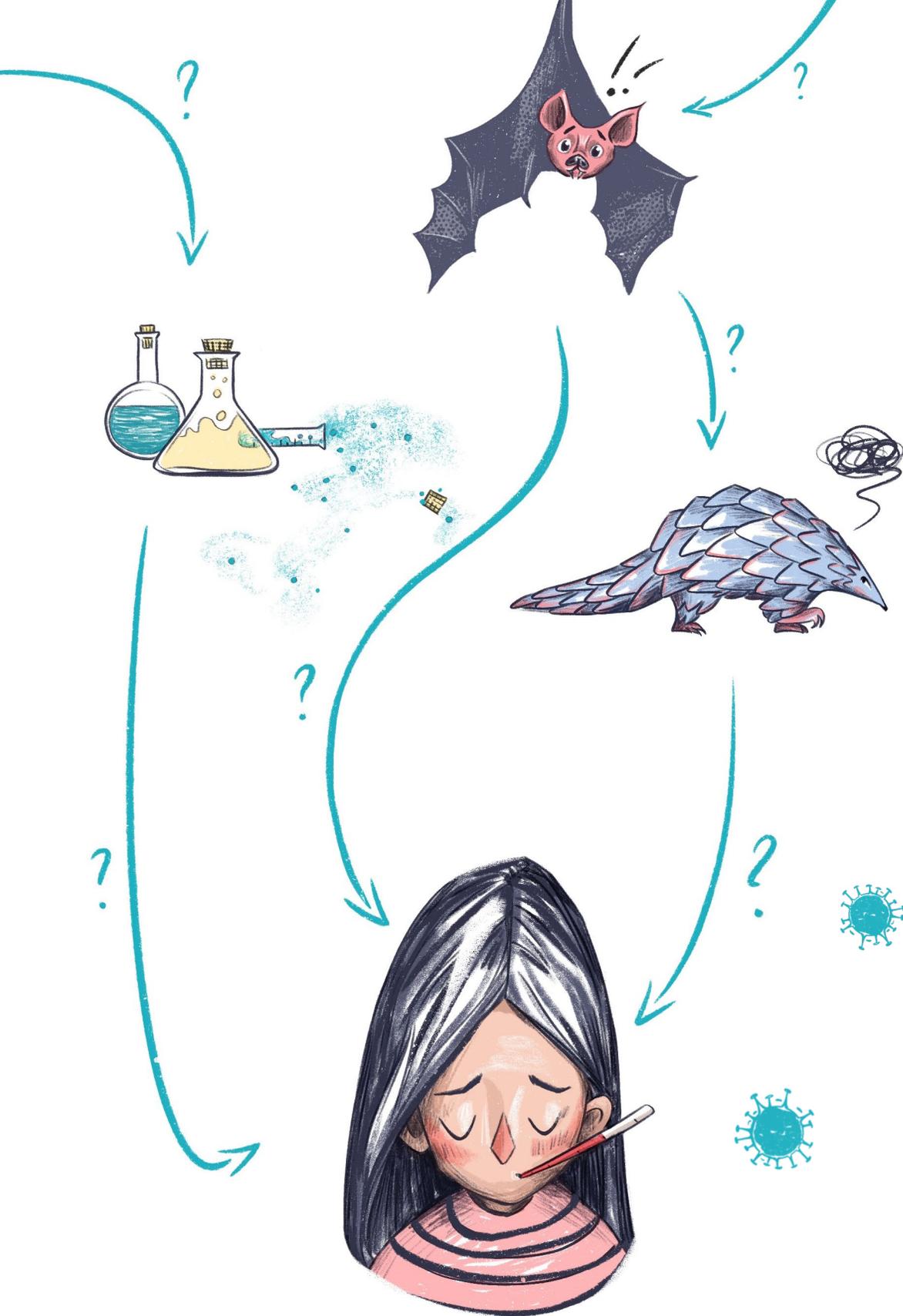
— Sei, sim. – disse – Que pensavam eles? Que por ser uma criança não percebia o que se passava no mundo?

— Eu sou uma pessoa muito atenta, sabes? - respondi-lhe!

— Ouvei dizer na escola que alguns morcegos, fartos de serem incomodados pelas pessoas, nas suas casas, foram passear para as cidades. O problema é que parece que tinham um bicho verde que deixa outros animais doentes.

A mãe e o pai olharam para mim com um ar orgulhoso, mas em vez de ficarem descansados, pareciam ainda estar preocupados. A mãe continuou:

— Laura, tens razão, mas há algo mais: cientistas de todo o mundo dizem que os morcegos podem ter passado a esses animais um vírus novo, que agora também se transmite às pessoas e provoca uma doença que é um pouco parecida com a gripe! Mas este vírus pode ter chegado às pessoas de outras formas, e o mistério da origem do bicho verde será desvendado nos próximos anos, tenho a certeza!”



— Mãe, o que é um vírus?

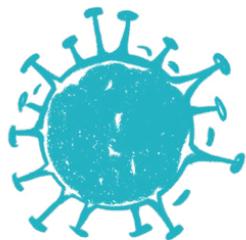
— Os vírus são bichinhos, bem pequeninos, que nos podem deixar doentes. Para evitarmos que este novo vírus ande a passear de uma pessoa para outra, temos de ficar em casa e nos manter afastados uns dos outros para evitar o contágio. O papá e a mamã vão ter de trabalhar em casa e tu não irás à escola nos próximos tempos.

Atirei-me para o pescoço dela.

— Posso saber o porquê deste abraço?

— Porque agora vais poder brincar comigo, mãe! Sabes, há muito tempo que não brincamos em família...!

Eu sei que não chove dentro de casa, mas quando a mamã me largou, eu estava com a cabeça toda molhada. Olhei para ela e vi que estava a chorar.



II

No primeiro dia em que a escola passou a ser *online*, levantei-me bem cedo. O pai e a mãe ainda dormiam. Não quis acordar ninguém. Quem sabe se agora poderiam descansar até mais tarde e passar mais tempo juntos, como namorados! Há já algum tempo que não davam aqueles beijinhos repenicados que me deixavam cheia de vergonha.

Na banca da cozinha, estava o computador, todo branquinho e brilhante. Não o podia usar sem autorização, mas... como estávamos a viver tempos diferentes, talvez me deixassem fazer as coisas de maneira diferente, também. Puxei a cadeira para a frente do ecrã e procurei logo o contacto da minha amiga Madalena para conversarmos numa videochamada.

Lá estava ela, toda despenteada e cheia de remelas, ainda com o pijama vestido.

— Sabes que horas são? – perguntou.

— Sei... São horas de te pentear, que o teu cabelo parece a barba do meu pai! – respondi.

— Isso é porque não consegues cheirar a minha boca! – riu-se ela, dando gargalhadas tão altas que quase acordava a casa inteira.

— Que nojo! Olha, Madalena, a tua mãe e o teu pai já falaram contigo sobre o bicho verde que anda a deixar as pessoas doentes?

— É um vírus! A minha mãe explicou-me tudo!

— Ainda não consegui perceber bem o que é um vírus, por isso vou chamar-lhe bicho verde!

— Olha, é assim como quando ficas constipada...

— Com o ranho no nariz e os espirros barulhentos? Que nojo! Mas, ó Madalena, vamos ficar fechadas em casa por causa de uma coisa dessas?

— Também não percebi muito bem... Mas é um vírus muito, muito pequenino, verde, redondo como um balão cheio de picos, que entra pelo nariz, pela boca e que se pega às nossas mãos... Por isso tens de andar sempre a lavá-las. E é perigoso, porque deixa as pessoas muito doentes, principalmente as pessoas mais velhas.

— Então é por isso que não me deixam visitar o meu avô e a minha avó... e eu tenho tantas saudades deles, Madalena...

Como não gostava nada de sentir a tristeza a chegar, resolvi mudar de assunto para animar a conversa:

— O que é que vais fazer hoje? Já viste que temos montes de tempo só para nós?

Propus jogarmos um jogo online, mas, entretanto, ouvi os chinelos da mamã no soalho e fui dizer-lhe bom dia.



III

Nos primeiros dias em que passámos a ficar o tempo todo em casa, as nossas rotinas mudaram.

Agora, quando a minha mãe não está a trabalhar no computador, cozinha imensos bolos e bolachas. É um corrupio de ovos, farinha, açúcar, raspas de limão, coco ralado e creme de queijo, leite condensado e nozes... Ela diz que é para se manter ocupada. Ainda perguntei se o pai também gostaria de fazer bolos, mas não obtive resposta...

A nossa casa cheira a canela e doce de morango, mas não é como nos dias de festa. Não estamos alegres.

A mãe anda de mau humor, e quase sempre de pijama. O pai passa o dia agarrado ao telefone e parece a panela da sopa. Sopra, sopra o dia todo. Quando desliga o telefone, aperta muito os dedos e os dentes e conta até cem em voz alta, com os olhos esbugalhados. Se fosse eu a fazer aquilo, parece que o estou a ouvir a dizer: “É falta de educação bufar às pessoas!”.

Todos os dias falo com a Madalena, mas o que eu mais queria era poder brincar com ela no parque.





Numa dessas ocasiões em que eu e a Madalena conversávamos por videochamada, a minha amiga estava sentada na cozinha enquanto lhe faziam o almoço... E a mãe da Madalena parecia-me diferente; mais alta, com uma roupa com que nunca a tinha visto antes.

De repente, a pessoa virou-se, chegou-se mais perto do ecrã e disse-me olá com um sorriso cheio de dentes branquinhos e um bigode bem preto. Dei um berro!

— Peço desculpa, Sr. Manuel. Pensei que era a D. Luísa que estava aí!

Demos uma gargalhada enquanto o Sr. Manuel ajeitava uma travessa de massa com um aspeto muito apetitoso. A seguir, puxou uma cadeira e sentou-se:

— A mãe da Madalena é enfermeira... tem passado muitos dias no hospital a cuidar das pessoas que estão doentes com COVID-19 e, por isso, não pode estar em casa connosco... – explicou-me.

— Então e como é que vocês comem? – perguntei, muito aflita.

— Que disparate, Laura! – respondeu ela – Não sabes que o meu pai é o melhor cozinheiro do mundo?!

Arregalei muito os olhos enquanto admirava as cerejas que espreitavam do avental do pai da Madalena. Pus-me a pensar que nunca tinha visto o meu pai a cozinhar, nem sequer a fritar um ovo! Por vezes, ficava até com uma certa pena, julgando que devia ser muito triste um adulto não saber fazer comida... Mas ainda bem que nem todos os pais eram assim!

O Sr. Manuel coçou o bigode e disse:

— Ora essa, a casa é de toda a família! Os pais e as mães devem dividir as tarefas, e eu aprendi a fazer de tudo desde muito pequeno: lavar a loiça, aspirar, limpar o pó, passar a ferro...

— A minha mãe diz que o meu pai não tem jeito nenhum para as tarefas domésticas... será que ele ainda pode aprender? A minha mãe não andaria tão cansada se ele fizesse também... – disse-lhes em segredo, bem baixinho para ninguém em casa me ouvir.

— Claro que sim, e tenho a certeza que um dia o teu pai virá a ser um belíssimo cozinheiro.

A mãe apanhou o bicho verde. Ouço-a tossir levemente, mas terá de ficar no quarto durante uns dias. Não me pode dar mimos, e não a posso ver. Fiquei muito triste e com medo, mas o papá fez de tudo para que eu me sentisse melhor.

Às vezes, ouço-o ao telemóvel, e logo a seguir pergunta-me aos gritos o que é que me apetece comer, para mandar entregar em casa. Eu tenho saudades da comida cozinhada pela mamã... Os meus amigos da escola dizem que sou esquisita porque não gosto de piza, nem de hambúrgueres. Gosto mesmo muito da comida da mãe e da avó, e o papá não sabe cozinhar almôndegas... ouço o telefone, e desta vez é a Madalena:

— A minha mãe pediu-me para perguntar como está a tua mãe, Laura.

— Está bem-disposta! Mas não pode sair do quarto por causa do bicho verde!

— Pois, ela explicou-me que o vírus só vai embora ao fim de alguns dias. Sei que custa um bocadinho não estares com a tua mãe, mas não queremos que tu ou o teu pai fiquem doentes!



De repente oiço, ao fundo, um assobio! Era uma panela. O pai da Madalena aparece no ecrã, a escorregar no chão da cozinha em meias, todo contente.

— O que é o jantar, Sr. Manuel? – grito-lhe.

— Hoje temos sopa e bolinhos de bacalhau com arroz de tomate. Gostas?

— Ela, não sei, mas eu gosto muito! – respondeu o meu pai, divertido, atrás de mim.

— O Sr. Manuel faz a comida lá em casa. – disse-lhe eu.

— Ai sim? É raro um homem cozinhar! – respondeu o meu pai, deixando-me pouco à vontade. Eu ficaria muito feliz se ele aprendesse!

O pai da Madalena perguntou ao meu pai:

— Nem quero acreditar que estou a ouvir uma coisa dessas! Não me digas que nem arroz sabes fazer!

— Acho que sim... São duas chávenas de arroz para uma de água, não é? – perguntou ao ecrã.

O pai da Madalena deitou a água que estava a beber pelo nariz, tal foi o espanto e o tamanho da gargalhada.

— Vamos fazer um desafio, Zé? Que tal cozinhares arroz para a filhota e para a Ana, que está doentinha?

— Ah! Isso parece-me muito trabalho. Mais vale mandar vir qualquer coisa de fora.

— Vá lá, papá! Arroz dá com tudo! – disse eu, tentando motivar o meu pai.

— Atum, rissóis... – continuei eu a lista, sem perceber muito bem o que estava ali a acontecer, nem entender o sorriso dos dois.

— Bem... A Ana está lá em cima a dormir, e esta pimpolha torce o nariz a tudo o que mando vir do restaurante.

Vamos a isso!

Pela primeira vez, vi o meu pai atarefado na cozinha. Ele não sabia onde estavam as panelas, o arroz, ou o sal! Perguntei-lhe, a brincar, se sabia que a água sai da torneira.

— Então, como ficou? – perguntou-me depois da primeira experiência.

À minha frente estava um prato de arroz branco, empapado, é verdade, mas bem saboroso! Com atum e ovo cozido picadinho, um verdadeiro banquete!





V

O novo cozinheiro lá de casa colocou um paninho de renda num tabuleiro, foi ao jardim e cortou uma rosa com um cheirinho muito forte, daquelas que a mamã gosta muito.

Quando voltou do quarto onde a mãe continuava a recuperar, vinha todo corado.

Não sei o que a mamã lhe terá dito, mas imagino que terão sido coisas de pessoas que namoram!

Tinham passado meses desde que o vírus estava controlado, e a minha mãe já quase nem se lembrava do bicho verde. Por todo o mundo, as pessoas tinham voltado ao trabalho, à escola e a rever os amigos e a família.

Num fim de semana, o meu pai e a minha mãe convidaram a família da Madalena para uma bela refeição cá em casa. Durante o confinamento, os nossos pais tinham-se ajudado muito. Ainda que à distância, ficaram próximos.

Eu e a Madalena estamos muito felizes!

O meu pai passou a tratar das refeições cá em casa, mas não foi apenas isso que mudou.

Entusiasmado por ter aprendido uma arte nova (como lhe chama agora), assumiu outras tarefas em casa. E, acreditem ou não, aprendeu a passar a ferro as suas camisas.



Agora, encontro a mãe e o pai muitas vezes debruçados sobre a mesa da cozinha, com caneta e papel, a falarem e a rirem sobre o que é preciso fazer: limpar o pó, ir às compras, fazer as camas... anotam tudo debaixo dos respetivos nomes como quem está a fazer um jogo. E eu já lá estou também, porque já aprendi a arrumar os meus brinquedos e a mochila da escola!

O meu pai e a minha mãe passaram a ter mais tempo para brincar e passear comigo. Agora, até fazemos um passeio depois do jantar para conhecer melhor o nosso bairro!

**E nas vossas casas?
O que vos ensinou o bicho verde?**



Já ouviram falar de um bicho verde que ensina os pais das crianças a cozinhar?

O livro “O bicho verde ensinou o pai a cozinhar” conta-nos a história de Laura e de um bichinho verde que, viajando pelo mundo, o deixou de pernas para o ar.

Num certo dia, o bicho verde deixou a mãe de Laura adoentada, e foi o pai de Laura quem passou a cuidar de tudo lá em casa. Mas havia um problema — ele não sabia cozinhar!

Através das peripécias vividas pela Laura e pelo seu pai que quis aprender a cozinhar, esta história mostra-nos como as figuras parentais e cuidadoras podem assumir responsabilidades equitativas na educação e no cuidado das crianças e, assim, contribuir para a construção de um mundo pós-pandémico mais consciente da necessidade de práticas de igualdade e de cuidado.

